

DIÁSPORA, EXÍLIO E IDENTIDADE NO ROMANCE: ZUMBI DOS PALMARES POR LEDA MARIA DE ALBUQUERQUE

Karla Cristina Eiterer Rocha¹

Enilce do Carmo Albergaria da Rocha²

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo ampliar nossos estudos dentro do romance: *Zumbi dos Palmares* de Leda Maria de Albuquerque. Serão analisados aspectos relacionados à diáspora, o exílio e a identidade dos negros dentro desse romance. O propósito que pretendemos alcançar é fazer com que, a partir das leituras sobre essa narrativa, a obra possa ser divulgada no meio acadêmico e tenha o reconhecimento que merece, pois ela retrata de temas muito importantes para nossa História.

PALAVRAS-CHAVE: Zumbi; Negro; Diáspora; Exílio; Identidade.

ABSTRACT: The present article aims to broaden our studies within the novel: *Zumbi dos Palmares* by Leda Maria de Albuquerque. We will analyze aspects related to diaspora, exile and the identity of blacks within this novel. The purpose we intend to achieve is that, from the readings on this narrative, the work can be divulged in the academic environment and has the recognition it deserves, since it deals with themes that are very important for our History.

KEYWORDS: Zumbi; Black; Diaspora; Exile; Identity.

1 Introdução

No presente artigo pretendemos analisar criticamente o Romance: *Zumbi dos Palmares* de Leda Maria de Albuquerque. O texto é uma ampliação do trabalho que tenho desenvolvido em torno desse romance. Buscamos abordar novos aspectos, já que a pesquisa inicial teve apenas a pretensão de apresentar e divulgar a obra. Essa narrativa pertence à arte literária e em consonância como as discussões de Glissant (2005) demonstra estar conectada com o mundo, executando a sua função política, lutando contra a dominação e a opressão, mostrando como é importante que o direito de existência das outras culturas seja reconhecido

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora.

² Professora Doutora da Universidade Federal de Juiz de Fora

por todos, enfatizando a importância de não nos fecharmos em nós mesmos e estarmos em sintonia com a totalidade-mundo fazendo dela nossa bandeira.

Nesse momento, serão abordadas questões que, contemporaneamente, têm sido estudadas por intelectuais de diversas áreas. Destaco nessa análise questões como: a diáspora, o exílio e a identidade dos negros, fatores que são recorrentes nesse Romance histórico. Pretendemos, dessa maneira, contribuir para o resgate e edificação da história dos afrodescendentes e apresentar uma literatura que não foi escrita em suspensão, como nos alerta Glissant (2005), mas que provém de um lugar o qual estabelece relações de permutação com a humanidade.

Para sustentar tais colocações, partimos das reflexões de Bruneau e de Hall a respeito da diáspora: “dispersão de uma etnia ou conjunto disperso dos membros de uma etnia” (BRUNEAU, 1998, p.5-6).

A concepção de Stuart Hall Sobre diáspora fundamenta-se no conceito de “deslocamento físico, de uma região para a outra, de um continente para o outro - o que caracteriza o fenômeno da escravidão”. (AGUSTONI *apud* HALL, 2006, p.122).

Diante desse pensamento, podemos afirmar que a história dos negros inicia-se por uma trajetória diaspórica. Uma diáspora forçada. Foram coagidos a um exílio, arrancados de sua terra, obrigados a esquecer de sua língua, de sua cultura e de sua identidade como afirma Bruneau:

Toda coletividade etnocultural irradiada para fora do seu meio original. (...) Os traços comuns às diferentes diásporas, são, primeiramente, uma identidade etnocultural que se exprime por uma comunidade de crença, língua, modo de vida, e provém de uma fonte territorial e de uma história localizadas num espaço de referência que está na ideologia do conjunto, pátria comum... paraíso perdido. (BRUNEAU, 1989, p.6-7)

A travessia do Atlântico é uma história marcada pela dor, pelo sofrimento e por todo horror que a escravidão pode causar a um povo. A dispersão forçada a que foram submetidos se deu por razões econômicas. Hoje, os seus esforços são todos voltados para a reconstrução de suas identidades. A maioria dos povos descende dos africanos como assevera Stuart Hall:

Nossos povos têm suas raízes nos - ou mais precisamente, podem traçar rotas a partir dos quatro cantos do globo, desde a Europa, África, Ásia; foram

forçados a se juntar no quarto canto, na “cena primária” do novo mundo. Suas “rotas” são tudo, menos “puras”. A grande maioria deles é de descendência “africana”. (HALL, 2003, p.31)

Em relação à desvalorização que foi dada ao homem negro, à forçosa perda de sua identidade, ao rebaixamento a que eles foram submetidos, ou a maneira como os negros foram apresentados durante o período da escravidão; percebemos que tudo estava de acordo com as conveniências e interesses políticos da época. Para tal compreensão, destacamos novamente as palavras de Hall:

Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de diferença” (AGUSTONI; VIANA apud HALL, 2005, p.21, grifos do autor).

2 O romance

A obra de Leda Maria de Albuquerque a ser comentada nesse artigo é uma reescritura do passado. Conta um pouco dos grandes momentos da História do Brasil, com o objetivo de mostrar que outras versões podem ser contadas do mesmo fato histórico. Mostra que o discurso do opressor não pode prevalecer como a única voz que relata os fatos. E que a identidade de um homem não deve ser reconhecida de forma exclusiva, pois elementos culturais se cruzam e se intervalizam quando colocados em relação, como observa Glissant (2005) temos uma identidade rizoma a qual não é mais uma única raiz, mas vai de encontro com outras raízes.

Ao mergulhar no passado, a autora faz emergir toda a importância da luta a favor da liberdade e da democracia. Resgata a memória de um povo que lutou para edificar sua cultura e preservar sua identidade. Ressalta a honra que lhes foi negada mostrando sua perseverança até o fim.

A narrativa é considerada de grande importância para que tenhamos outra versão da história no período da escravidão no Brasil, pois destaca o heroísmo e a honra dos negros - de Zumbi e de seus companheiros - que lutaram contra a opressão. Revela o quanto foi intensa a luta dos escravos pela liberdade, o quanto foram maltratados sendo vistos como máquinas ou

animais. É uma história que fala sobre grandes batalhas, honra e traições, intolerâncias e silêncios, e representações. E que poderá ser bem compreendida a partir do pensamento Glissantiano contido no livro *Introdução a uma poética da diversidade* o qual mostra que as fronteiras são fluidas e que devemos ter um pensamento arquipélago, para melhor compreendermos o outro.

O texto apresenta marcas diaspóricas que são recorrentes do início ao fim da narrativa: como as saídas forçadas de um quilombo para o outro. O cativo obriga-os ao exílio. E o que lhes mantém vivos e fortes para a luta é a importância que dão à cultura e às suas identidades. Cada malungo (companheiro) guarda consigo a preservação de seu povo, a lembrança perpétua de seus antepassados e da mãe África (sua pátria). São sustentados diariamente pela palavra (os provérbios) e pela esperança desse retorno às suas origens. Sonham em poder encontrar seu povo e colocarem os seus pés cansados em sua Terra.

É missão da literatura não deixar que os povos percam suas identidades e vozes como destaca Glissant (2005) e diante dessa análise, destacamos que o romance, ainda aborda questões importantes relativas às marcas culturais que fazem parte da oralidade e da tradição: os provérbios ou sentenças. Segundo Ana Mafalda Leite há um gênero que faz parte do discurso africano o qual é considerado muito significativo para o povo:

Há gêneros de conversação, em África, que consistem apenas em provérbios, entre os umbundu, por exemplo, existem nomes de pessoas que são provérbios. Este tipo de gênero revela-se uma importantíssima forma de educação, de filosofia, permitindo o seu uso fazer ponte entre a sabedoria dos mais velhos e do mundo moderno. (LEITE, 2003, p.45)

Na narrativa, há frases ditas por Zumbi a seu povo como ensinamento, como fonte de experiência, como estímulo e como socorro. A palavra dita através de um provérbio é a própria sabedoria. Os provérbios utilizados na obra são os seguintes:

Um homem sem coragem é como um rio seco: não serve para nada. (ALBUQUERQUE, 1978, p.28).

Suportem corajosamente os sofrimentos, porque dias melhores se aproximam. (ALBUQUERQUE, 1978, p.45).

Sei que a guerra é a destruição e é a morte. A paz nunca deve ser desprezada. (ALBUQUERQUE, 1978, p.52).

A missão de um rei é fazer seu povo feliz e não correr atrás da glória. (ALBUQUERQUE, 1978, p.54)

Aquele que ama a liberdade a ponto de morrer por ela, nunca foi verdadeiramente um escravo. (ALBUQUERQUE, 1978, p.80).

Nós somos a liberdade e a liberdade nunca morre. (ALBUQUERQUE, 1978, p.110).

A narrativa tem início com a decisão de fuga de um negro (Bambuza) o qual desempenha um papel importante dentro do romance. Parte da fazenda de Pedro Silva (onde era escravo) para o Quilombo dos Palmares, com o objetivo de encontrar seu povo na “Serra dos negros livres”.

Bambuza consegue fugir, chega ao quilombo de Palmares, a fim de resgatar sua identidade e ser livre, passa por provas e torna-se um verdadeiro guerreiro, ao lado do rei Zumbi, vindo a ser um general.

Após seis meses, Bambuza passa a ser responsável pelas ligações entre os quilombos, e numa de suas viagens reencontra Tonga, o qual também havia sido escravo, na fazenda de Pedro Silva.

A complicação do enredo se dá depois de os dois conversarem: Bambuza descobre que o governador Dom Pedro Almeida preparava uma expedição contra Palmares. A partir daí, Tonga fica responsável de fazer chegar até Zumbi todas as informações que lhe interessassem.

Cientes do interesse de Pedro de Almeida pela destruição dos quilombos e da organização de uma expedição contra Palmares, Bambuza decide buscar armas de fogo na fazenda de Pedro Silva. Na invasão da fazenda, todos os empregados são rendidos, Pedro Silva e o feitor são mortos. Bambuza descobre que sua mãe morreu no tronco por não contar sobre a fuga dele.

O clímax do enredo se dá quando Zumbi reúne seus malungos (companheiros) e comunica-lhes que, devido à perseguição empreendida pelos inimigos dos quilombolas, decidiu abandonar, junto com os seus, o quilombo de Sucupira; manda colocar fogo em tudo, para que o inimigo não possa aproveitar do trabalho de seu povo. Quando os inimigos chegam à altura de Sucupira, o fogo havia destruído tudo, então retornam à Porto Calvo (Alagoas) sem

dominar Zumbi. Assim, o governador Pedro de Almeida tem a ideia de fazer acordo de paz a Zumbi, em troca de terras próximas ao rio Cucaú e da liberdade dele e de seu povo.

Zumbi, devido ao seu dever de rei, aceita o acordo de paz, pensando na felicidade de seu povo. Entretanto, João Lucas, o chefe dos fazendeiros, usa do acordo para armar outra expedição contra Palmares e alega estar a serviço do rei de Portugal.

Tonga mais uma vez leva a informação, agora pessoalmente, e, quando consegue chegar ao encontro de Bambuza, fala sobre a traição do branco. Morre logo a seguir, devido ao esforço que precisou fazer para chegar até lá com o seu ferimento que reabriria na perna.

Mais uma vez o povo de Zumbi escapa e vive por dezesseis anos no novo quilombo da salvação, uma nova capital que se situa na encosta da serra Gigante, atravessada pelo rio Mundaú. Novamente, outro mensageiro de Porto Calvo, Zulu, envia a Zumbi uma mensagem, dizendo que Jorge Velho (bandeirante paulista) assinou um contrato com os representantes do rei de Portugal, comprometendo-se a destruir Zumbi e seu reino em troca das terras de Palmares e dos súditos de Zumbi como escravos novamente.

Após a partida das tropas, Zulu junta-se aos guerreiros de Palmares. Ele e Bambuza desconfiam de traição. Zulu quer verificar a existência do traidor e acaba sendo surpreendido, enquanto reconhece um mulato que havia visto muitas vezes na casa de seu senhor. O mulato dá-lhe uma facada próxima ao coração. Bambuza sente a falta de Zulu, vai procurá-lo. Surpreende o espião; domina-o, porém não pode salvar o seu companheiro o qual consegue apenas dizer que reconheceu o espião, despede-se e morre. Após ser levado a Zumbi, o traidor é decapitado e em seguida é atirado no campo inimigo. Posicionadas as tropas para a batalha, começam a avançar, mas Zumbi e seu povo resistem.

O desfecho inesperado se dá, quando Zumbi percebe que, após muitas lutas, já não pode impedir os ataques e a chegada de reforços do inimigo, o quilombo está dominado pelos invasores. Zumbi dirige-se aos seus súditos e mostra-lhes um caminho para a liberdade: joga-se, “digno e calmo”, do precipício. Seus generais o seguem. Quando Jorge Velho chega à beira do precipício, vê apenas o sangue de Zumbi e de seus companheiros.

A fuga de Bambuza marca o início das sucessivas diásporas a que é submetido. Após a travessia de seu povo pelo Atlântico: a escravidão, a servidão e o exílio lhe foram impostos. Ele é forçado a fugir para se livrar da escravidão. Sua saída tem por objetivo encontrar o

quilombo dos Palmares, onde o rei é um negro, aquele que acolhe e que luta por todos os negros. Palmares era o lugar onde estavam os seus iguais, uma comunidade familiar:

A comunidade em diáspora é, ao menos parcialmente, o agrupamento de indivíduos e famílias originários de mesma região e, às vezes, de uma mesma aldeia. É em parte o resultado de uma cadeia migratória, cujos primeiros migrantes chamaram seus parentes próximos e depois seus vizinhos, originários da mesma aldeia ou de uma aldeia vizinha. (BRUNEAU, 1998, p.9-10)

A busca pelo retorno à sua pátria e ao seu povo são pensamentos que prevalecem como o maior ideal de Bambuza. Ele pisava pela primeira vez na Terra prometida, como se Palmares fosse o paraíso negro, sua casa: a África. “Bambuza queria antes de tudo ser livre e a liberdade estava lá, no quilombo da salvação.” (ALBUQUERQUE, 1978, p.14)

Bambuza não quer mais ser chicoteado, decide partir para a Serra. Ele quer deixar a fazenda onde era escravizado, oprimido e humilhado para ser livre outra vez. Justifica: “Lá está Zumbi, Mãe. Lá um negro é livre outra vez.” (ALBUQUERQUE, 1978, p.10). Esse momento em que Bambuza decide partir é muito importante, mostra a coragem do negro escravizado que deseja sair do exílio, reencontrar o seu povo - pessoas da sua raça, da mesma cor de pele e resgatar a sua liberdade. Os quilombolas preservavam a união comunitária. Bruneau *apud* M.Hovanessian, 1991 explica o laço comunitário em: é essencial para manutenção de práticas de identidade, suporte de uma alteridade fundadora da diáspora na sociedade de acolhimento. A existência dessa comunidade de base, reunida em torno em do seu lugar.

O deslocamento como uma diáspora constante, a migração involuntária, ocorre nos momentos em que Zumbi e seus amigos são obrigados a sair do quilombo devido à ameaça de invasão do branco, deixa o lugar onde ele e seus companheiros viviam como comunidade. Deixaram suas casas e suas plantações. A fim de não permitir que os invasores desfrutassem das plantações, do fruto do trabalho deles, Zumbi diz: “Retirem tudo o que lhes pertence, porque eu vou mandar queimar a cidade e destruir as plantações. O branco não se aproveitará mais do nosso trabalho.” (ALBUQUERQUE, 1978, p.46)

Há também outro trecho interessante, marcado pela presença da diáspora, quando zumbi define para Bambuza, como alguém pode ser considerado escravo: “aquele que é feito escravo por uma força maior do que a sua.” (ALBUQUERQUE, 1978, p.28). Isso é

exatamente o que aconteceu com os negros que foram trazidos contra a vontade para o trabalho forçado no Brasil. Os quilombolas também partilhavam de uma segunda característica da diáspora: “a diáspora como uma construção social visando estabelecer e manter laços entre populações migrantes, que se acreditam provenientes de uma mesma origem, real ou mítica, apresentando por isso características próprias.” (BRUNEAU, 1998, p.8-9)

Os quilombolas vão para um novo quilombo (da salvação) e vivem por dezesseis anos, mas novamente, devido à outra invasão, são forçados a partir. Mesmo lutando, não conseguem vencer os inimigos.

Zumbi e seus companheiros que restaram decidem refugiar-se no rochedo, local que era rodeado por uma ruína imensa, onde corria o Mundaú (rio). Infelizmente lá é o último ponto a que conseguem chegar.

Para preservarem sua dignidade e não se submeterem a escravidão decidem seguir o rei Zumbi que os conduz para um salto do precipício.

Há muitas passagens na narrativa marcadas pela violência e pela dor. Devido à fuga de Bambuza, sua mãe foi chicoteada até a morte pelo feitor que pretendia, através dessa violência, fazê-la falar, entregar o paradeiro de seu filho. “Amarraram a velha no instrumento de suplício.” (...) “No tronco, o suplício de Si’Ana continuava. Grossas gotas, mistura de sangue e de lágrimas, escorriam-lhe pelo rosto contraído de dor”. (ALBUQUERQUE, 1978, p.12-13).

Essa cena descreve a opressão, a crueldade e a humilhação impostas aos negros. Era uma das maneiras com as quais eles eram castigados. Após terem sido forçados a deixarem sua terra natal, impunham-lhes o cativeiro.

Antes de morrer, Si’Ana faz uma prece que reforça as marcas da sua identidade africana: sua crença, cultura e esperança: “Zumbi, recebe o meu filho! Grande Zumbi, mais forte e poderoso do que o branco, torna livre o meu filho.” (ALBUQUERQUE, 1978, p.13).

No instante da morte da mãe de Bambuza, outras mulheres que estavam presenciando essa triste cena também levantaram seus olhos para o céu e fizeram uma prece: “Que o Zumbi do céu proteja o Grande Zumbi da terra. Que Bambuza chegue em paz ao quilombo da salvação e da liberdade.” (ALBUQUERQUE, 1978, p.13)

E os negros mais jovens também desejavam partir, levantaram os seus olhos para o céu (as serras azuis) e expressaram seus sentimentos: “Um dia havemos de fugir também”, disseram uns aos outros. “Um dia estaremos com Zumbi na serra dos negros livres.” (ALBUQUERQUE, 1978, p.13).

Palmares era uma terra fértil e livre, o sonho de todo aquele negro exilado, escravizado e disperso pela diáspora.

O não apagamento de suas memórias era o principal objetivo dos grupos dispersos pela diáspora, por isso tentavam manter os seus laços:

“Caía a noite. Era a mesma hora em que, longe, na fazenda, a velha Si’ Ana (o seu nome africano já fora há muito tempo esquecido) (...)” (ALBUQUERQUE, 1978, p.14). Esse trecho refere-se a mãe de Bambuza, ilustra muito bem as consequências da escravidão, contra as quais os negros lutavam: o esquecimento, o apagamento da identidade africana.

A figura de Zumbi é a representação do povo negro. Bambuza sempre ouvira sobre Zumbi, sobre sua força, seu poder, sua liberdade. Ele acolhia os negros livrando-os do opressor: “Então começou a pensar em como seria recebido no quilombo. Lembrava-se do que ouvira contar sobre Zumbi, de como ele era livre, forte e poderoso, recebendo em sua cidade inexpugnável todos os negros tristes e cansados de gemer sob o chicote do feitor.” (ALBUQUERQUE, 1978, p.15)

As descrições a respeito do físico das personagens negras, também mostram uma afirmação da identidade. Como por exemplo, essa a respeito da sentinela: “Era um negro alto e forte, com uma pele de onça negligentemente enrolada em torno dos quadris.” (ALBUQUERQUE, 1978, p.16)

A descrição da personagem Zumbi também confirma isso: “Era mais alto do que qualquer dos generais e muitíssimo mais forte. A pele, de um negro retinto e brilhante, esticava-se sobre o peito largo e os braços musculosos.” (ALBUQUERQUE, 1978, p. 24).

A reafirmação da identidade negra, como um grupo de pessoas honradas, também pode ser percebida no trecho que fala sobre leis e sentenças do povo quilombola: “A lei do quilombo proíbe matar e roubar os companheiros.” (ALBUQUERQUE, 1978, p. 29). Ou seja, tratar com respeito os companheiros.

A personagem Bambuza sabia muito bem quem era, conhecia sobre sua cultura, sabia de onde veio e aonde queria chegar. O que mostra a luta constante pela afirmação de sua identidade: “Eu sou Bambuza, negro vindo de Angola. Fugi da fazenda de meu senhor, por que quero ser livre.” (ALBUQUERQUE, 1978, p.16). No quilombo havia rituais que preservavam a identidade, como o uso de objetos sagrados:

Ainda como que num sonho, senti o lemane arranhar-lhe o peito com a faca sagrada, depois molhar um pano na ferida, entoando a oração da fidelidade, e depois coser o pano num saquinho que lhe pendurou ao pescoço. (ALBUQUERQUE, 1978, p.22)

No quilombo, os malungos - termo utilizado pelos quilombolas, para chamarem uns aos outros – preservam constante a memória da terra natal através do som e do ritmo: “Os ecos da Serra da Barriga levaram para longe o ritmo triste e nostálgico que lembrava aos malungos a África distante.” (ALBUQUERQUE, 1978, p. 29)

A respeito da cultura e das crenças africanas dentro da narrativa, há o momento quando Gangazuma (Zumbi) dá a Bambuza, como agradecimento por tudo o que ele fez pelo quilombo, um colar que carrega uma simbologia importante: “Gangazuma te oferece o colar de três dentes de onça, que é o símbolo da coragem”. (ALBEQUERQUE, 1978, p. 37)

O romance Zumbi dos Palmares traz exemplos relacionados à cultura e a identidade de um povo que deixou marcas profundas na nossa cultura e faz com que repensemos a nossa história:

Nesse sentido é fundamental pensarmos (ou repensarmos) o processo da escravidão e seus desdobramentos como paradigma de uma herança cultural cujas marcas estão inscritas nos diferentes âmbitos que dizem respeito a cultura brasileira. (AUGUSTONI, 2006, p. 121)

3 Considerações finais

O romance de Leda Maria de Albuquerque revela uma nova face da história brasileira. Quando a autora narra a história de Zumbi e seus companheiros, apresenta um outro modo de entendermos as nossas raízes, nossa cultura e a nossa história. A partir dessa leitura podemos construir uma consciência crítica a respeito do povo brasileiro, admitindo que somos, segundo Glissant (2005), mutáveis e não uma entidade absoluta e que existimos na relação com o outro, com o mundo, com o cosmos.

Em relação à escravidão no Brasil, é preciso repensá-la, observá-la com olhar crítico. E também considerar o reflexo do sofrimento, da injustiça e da humilhação provocados pelo passado de servidão, pois essa herança não pode ser esquecida. É quando refletimos sobre a dor, que somos capazes de lutar e não permitir que esse tipo de barbaridade volte a acontecer.

Reescrever ou reinventar esse passado que foi silenciado, rever esse momento de humilhação, é o que nos permite perceber o quanto essa situação de escravidão, essa diáspora forçada, esse exílio imposto pelo afastamento da terra natal, trouxe de consequências, de sofrimento para aqueles que tiveram que abrir mão da sua humanidade, sendo rebaixados à condição de uma máquina ou de um animal.

Apresentar o orgulho quilombola, mostrar o heroísmo e a resistência do povo negro é também mostrar a importância do continente africano, para os que foram obrigados a abandonar a África - Terra mãe - e para os seus descendentes. É importante destacar e, acima de tudo, valorizar, o que o Brasil herdou dos africanos e como estes influenciaram nossa cultura, parafraseando Glissant (2005), tentamos fazer uma reflexão sobre qual seria a tarefa das Artes como a literatura e a poesia. Assim concluímos que é a de contribuir para que, pouco a pouco, as humanidades admitam o “inconsciente”, que o outro não é o inimigo, que o que nos difere não nos corrói e que se nos transformamos em contato com esse “outro”, isso não significa que me diluo nele, mas que com isso podemos nos aproximar do imaginário do mundo, das ideologias, das visões do mundo, das previsões, tratando-se então não mais de sonhar um mundo, mas de penetrar nele.

4 Referências

ALBUQUERQUE, Leda Maria. *Zumbi dos Palmares*. 2 ed. São Paulo: Ibrasa, 1978.

AGUSTONI, P. Signos do Atlântico Negro em trânsito: algumas vozes da poesia de língua portuguesa contemporânea. In: ALBERGARIA, E., RIBEIRO, G., BRUNO, R. (Orgs.) *Vozes (além) da África: tópicos sobre identidade negra, literatura e história africanas*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2006. p. 119-133.

AGUSTONI, P & VIANA, A. L. A identidade do sujeito na fronteira do pós-colonialismo em Angola. *Revista Ipotesi*, v. 14, n. 2, jul\dez. 2010.

BRUNEAU, Michel. *Espaços e territórios de diásporas*. Tradução Lucy Magalhães [s.l.], 1998.

GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Tradução Enilce do Carmo Albergaria da Rocha. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

HALL, Stuart. *Da diáspora*. Tradução. Adelaide La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

LEITE, A. M. *Literaturas africanas e formulações pós-coloniais*. Maputo: Imprensa Universitária, 2003.

SANTANA, K. C. E. *Por trás das paliçadas de Palmares: uma reescrita da história de Zumbi por Leda Maria de Albuquerque Noronha*. In. Simpósio em Literatura, Crítica e Cultura – Disciplina, Cânone: Continuidades e Rupturas. 6., 2012, Juiz de Fora. **Anais**. Juiz de Fora: Darandina Revisteletrônica, 2012. Disponível em:

<http://www.ufjf.br/darandina/files/2012/09/Por-tr%C3%A1s-das-pali%C3%A7adas-de-Palmares-Artigo-de-Comunica%C3%A7%C3%A3o-do-Simp%C3%B3sio.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2013.